

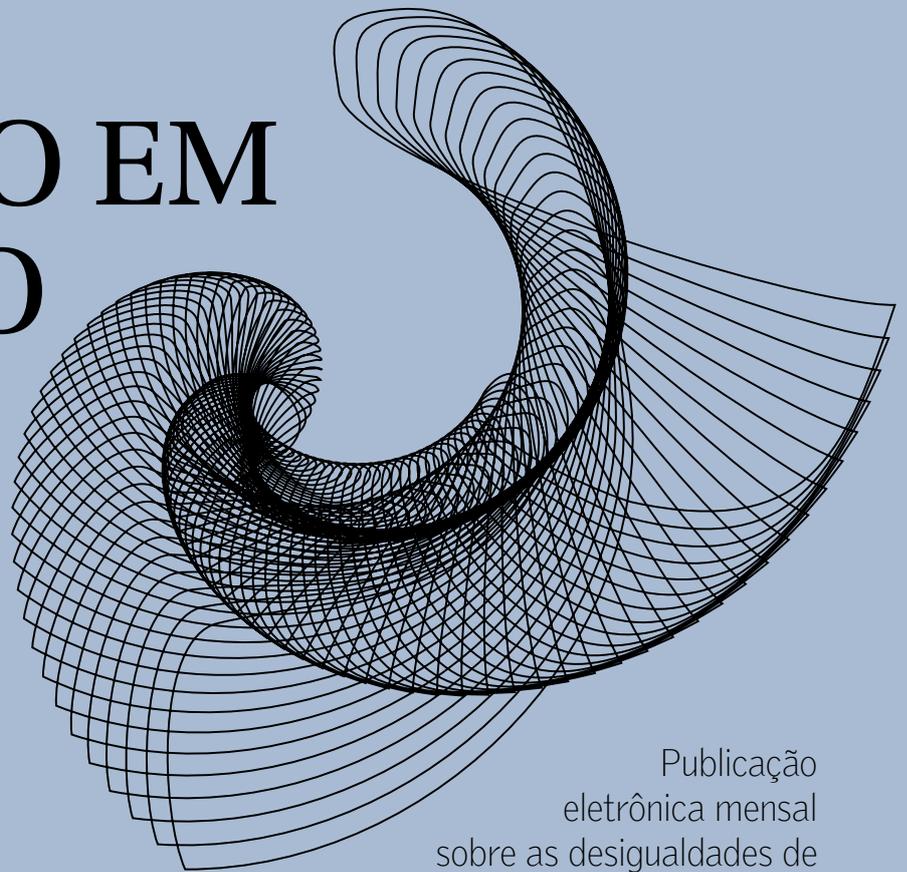
UFRJ
ie.
instituto de economia



LAESER

Laboratório de Análises Estatísticas
Econômicas e Sociais das Relações Raciais

TEMPO EM CURSO



Publicação
eletrônica mensal
sobre as desigualdades de
cor ou raça e gênero no mercado
de trabalho metropolitano brasileiro

Ano II; Vol. 2; nº 4, Abril, 2010

(Indicadores de rendimento e desemprego)

ISSN 2177-3955

Sumário

- Apresentação
- Reflexões gerais sobre a conjuntura econômica
- Rendimento habitual médio do trabalho principal
- Evolução da taxa de desemprego
- Rendimento e desemprego nas Regiões Metropolitanas

1. Apresentação

Com o presente número, o LAESER dá continuidade ao boletim eletrônico "Tempo em Curso", já em seu segundo ano e sexta edição. Os indicadores desta publicação são os microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados, mensalmente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu portal (www.ibge.gov.br), e tabulados pelo LAESER no "Banco de dados Tempo em Curso".

Cada edição desta publicação, além da atualização dos indicadores de rendimento habitual médio do trabalho principal e do desemprego, será dedicada a um tema diferenciado, tal como segue abaixo:

- Mês 1 – Posição na Ocupação e Ramo de Atividade Econômica
- Mês 2 – Rendimentos do trabalho
- Mês 3 – Evolução da ocupação e do desemprego

Portanto, neste presente número da publicação "Tempo em Curso", o tema central será o do rendimento médio do trabalho e do desemprego, em ambos os casos incluindo sua decomposição para cada uma das seis Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras (da mais ao Norte, para a mais ao Sul: Recife, Salvador, Belo Ho-

rizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Vale salientar que os indicadores que serão comentados são referentes ao mês de fevereiro de 2010.

2. Reflexões gerais sobre a conjuntura econômica em 2009 (tabela 1)

O principal assunto econômico referente à economia brasileira debatido pela sociedade brasileira no mês de março foi a divulgação, por parte do IBGE, do Produto Interno Bruto (PIB) do ano de 2009. Conforme é sabido, o ano passado foi marcado por uma forte turbulência nas economias dos principais países do mundo, incluindo a brasileira. Assim, a questão era a precisa mensuração da seqüela da crise sobre a economia do país.

O PIB da economia brasileira em 2009 chegou a R\$ 3,143 (cerca de três trilhões e cento e quarenta e três bilhões de reais). Contudo, comparativamente, ao ano de 2008 ocorreu uma redução de 0,2%, indicando que o país atravessou durante o ano passado um período recessivo (pelo menos dois trimestres consecutivos com taxa negativa de crescimento do PIB).

Ao longo do ano de 2009, os setores que mais sentiram os efeitos da crise econômica foram o agropecuário e a indústria, com quedas de 5,2% e 5,5%, respectivamente, comparadas ao ano de 2008. Em ambos os setores, se evidenciaram os efeitos do encolhimento da economia mundial e, por conseguinte, para a demanda externa, em relação aos produtos produzidos por aqueles setores, sejam as mercadorias (commodities) agropecuárias, sejam os produtos manufaturados (itens produzidos pelas atividades industriais). Por outro lado, o setor de serviços foi o que melhor reagiu à crise, apresentando crescimento positivo de 2,6%.

Tabela 1. Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil e decomposição setorial (ótica da oferta e demanda), 2008 - 2009

	PIB	Agropecuária	Indústria	Serviço	Formação Bruta de Capital Fixo	Consumo das famílias	Consumo do governo
4° trimestre / 3° trimestre (de 2009) (em %)	2,0	0,0	4,0	0,6	6,6	1,9	0,6
4° trimestre 2009 / 4° trimestre 2008 (em %)	4,3	-4,6	4,0	4,6	3,6	7,7	4,9
2009 / 2008 (em %)	-0,2	-5,2	-5,5	2,6	-9,9	4,1	3,7
Valores correntes ano de 2009 (em bilhões de R\$)	3.143,0	164,0	686,4	1.851,7	525,8	1.972,4	654,1

Fonte: IBGE: www.ibge.gov.br

Lendo-se o PIB pela ótica da demanda, a redução em 9,9% da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF, investimentos no aumento da capacidade produtiva) também afetou a economia como um todo, especialmente o setor industrial. Por outro lado, o crescimento do consumo do governo (crescimento de 4,1%) e das famílias (crescimento de 3,7%) expressou as opções de políticas econômicas recentes de combate à crise, com o aumento do gasto público e expansão do crédito, além de efeitos positivos indiretos das políticas sociais que foram sendo adotadas ao longo dos últimos anos, tal como foi o caso da valorização do poder de compra do Salário Mínimo e o Programa Bolsa Família.

Sobre os indicadores acima, quando se quer estabelecer um parâmetro comparativo com os dados tratados no "Tempo em Curso", vale salientar inicialmente que não há condições de se fazê-lo com o setor agropecuário (muito escassamente presente nos municípios das grandes metrópoles brasileiras), mas somente com os setores industriais e de serviços.

Não obstante, tal como observado em edições anteriores desta publicação, os trabalhadores brancos (especialmente os do sexo masculino), além de melhor remunerados, encontram-se com uma presença mais forte nos grupamentos de atividades industriais, na administração pública e nas atividades que prestam serviços às empresas. Já os trabalhadores pretos & pardos têm maior peso relativo nos setores da construção civil e nos serviços domésticos. No comércio e nos outros serviços, a composição de cor ou raça tende a ser mais parelha com a presença relativa de ambos os grupos na PEA. Por outro lado, o peso da informalidade é maior entre os pretos & pardos do que entre os brancos. Assim, o comportamento dos diferentes setores de atividade nos diversos momentos da conjuntura econômica inevitavelmente se expressará nos indicadores de acesso ao mercado de trabalho dos grupos de cor ou raça e sexo.

Desta maneira, analisando-se a série das desigualdades de cor ou raça entre janeiro e dezembro de 2009, observa-se que no primeiro semestre as desigualdades, em média, se situaram no entorno de 97%. Já no período compreendido no segundo semestre, as assimetrias, em média, se situaram no patamar dos 92%, ou seja, cinco pontos percentuais inferior. Isto significa que diante do contexto da crise econômica do ano passado, quando seus efeitos se fizeram sentir com mais intensidade sobre o mercado de trabalho brasileiro, as diferenças de rendimentos entre brancos

e pretos & pardos foram maiores no período posterior do que quando a crise começou a ser debelada.

De qualquer forma, deve-se frisar que estes efeitos, infelizmente, não foram expressamente perseguidos pelos formuladores de políticas macroeconômicas, tendo atuado apenas de forma indireta. Ou seja, a queda das desigualdades foi produto do efeito das medidas governamentais sobre os diversos ramos de atividade, e se desdobraram para a população trabalhadora dos distintos grupos de cor ou raça e sexo dado o modo pelo qual se encontra segmentada no mercado de trabalho metropolitano brasileiro (entre o setor formal e informal e entre os diferentes grupamentos de atividades econômicas).

Assim, tal cenário não permite avaliações especialmente otimistas, tendo em vista não apenas as desigualdades dos rendimentos ainda serem muito elevadas, como pelo fato de que tal cenário não vem se dando através de uma mudança nas formas de inserção dos pretos & pardos no mercado de trabalho, que seguem marcadas pelo maior peso relativo da informalidade, do subemprego e dos vínculos com os ramos de atividade econômica menos dinâmicos (a este respeito ver as edições anteriores do "Tempo em Curso").

O último trimestre do ano passado já indicava recuperação nos indicadores econômicos do país. Assim, na comparação entre o quarto e o terceiro trimestre, o PIB brasileiro havia crescido 2%. Na comparação com o quarto trimestre de 2008 (quando a crise econômica internacional começou a afetar negativamente a economia brasileira), o avanço foi ainda mais expressivo: 4,3%. Diante destes indicadores recentes, as projeções são de que a economia brasileira voltará a crescer ao longo do presente ano.

A questão que se coloca ao longo deste ano será se a retomada deste crescimento estará associada com a continuidade da redução das assimetrias de cor ou raça e de gênero ou, justamente, com o seu contrário?

3. Rendimento habitual médio do trabalho principal (tabela 2)

No mês de fevereiro de 2010, o rendimento habitual médio do trabalho principal da PEA residente nas seis maiores RMs brasileiras, foi de R\$ 1.398,88. Este valor, comparativamente ao mesmo mês do ano anterior, foi 0,9% superior. Na comparação com o mês de janeiro de

2010, ocorreu uma elevação em termos reais de 1,2%.

No mês de fevereiro de 2010, o rendimento habitual médio do trabalho principal dos trabalhadores brancos foi de R\$ 1.793,62 e o dos trabalhadores pretos & pardos foi de R\$ 929,95. O mesmo indicador, na PEA branca do sexo masculino, correspondeu a R\$ 2.075,20. Na PEA branca do sexo feminino, o rendimento habitual médio foi de R\$ 1.462,11. Entre os trabalhadores pretos & pardos do sexo masculino, aquele mesmo indicador foi de R\$ 1.055,27 e, do sexo feminino, de R\$ 770,88.

Apresentando aqueles valores, no mês de fevereiro de 2010, nas seis maiores RMs brasileiras, a diferença na remuneração dos brancos, em relação aos pretos & pardos, foi de 92,9%. Tal diferença correspondeu a uma redução em significativos 9,3 pontos percentuais em relação ao mesmo mês do ano anterior (quando as desigualdades de cor ou raça foram de 102,2%). Na comparação com o quadro vigente em janeiro de 2010 (quando as desigualdades de cor ou raça foram de 93,5%), ocorreu uma redução nas assimetrias de cor ou raça em 0,6 ponto percentual.

Quando lido de forma decomposta pelos grupos de sexo, verificou-se que, em fevereiro de 2010, as assimetrias no rendimento habitual médio entre os homens brancos, em comparação aos pretos & pardos, foram de 96,7%, favoráveis aos primeiros. A comparação do mesmo indicador entre as mulheres brancas, de um lado, e as pretas & pardas, de outro, revelou que as desigualdades foram de 89,7%.

Na comparação entre fevereiro de 2010 e o mês de fevereiro do ano anterior, entre os homens, ocorreu

uma significativa queda nas assimetrias de cor ou raça em 13 pontos percentuais. Tal movimento ocorreu porque no mesmo período o rendimento médio dos homens brancos declinou 0,6%, ao passo que dos homens pretos & pardos aumentou 6%.

No mesmo período descrito acima, entre as mulheres trabalhadoras, as assimetrias igualmente se reduziram, porém de forma mais modesta: 2,3 pontos percentuais. Ao passo que o rendimento habitual médio, em termos reais, das trabalhadoras brancas se elevou em 3,7%, entre as pretas & pardas este mesmo indicador se elevou em 4,9%.

Entre janeiro e fevereiro de 2010, no contingente do sexo masculino, ocorreram reduções das assimetrias de cor ou raça entre brancos e pretos & pardos em 1 ponto percentual. Já no contingente do sexo feminino, ocorreu um ligeiro aumento de 0,6 ponto percentual na diferença entre a remuneração das trabalhadoras brancas, de um lado, e das trabalhadoras pretas & pardas, de outro.

No mês de fevereiro de 2010, a diferença na remuneração habitual média dos homens brancos e das mulheres pretas & pardas foi 169,2% superior, em benefício dos primeiros. Na comparação entre os homens pretos & pardos com as mulheres brancas, verificou-se que a remuneração habitual dos primeiros equivalia a 72,2% da remuneração habitual das segundas.

Daquele conjunto de indicadores que foram comentados pode-se depreender que os efeitos da crise do mercado de trabalho, que se iniciou em 2008, ainda

Tabela 2. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 09 – fev / 10, (em R\$ - fev / 10, INPC)

	2009											2010	
	Feb	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Feb
Homens Brancos	2.088,01	2.040,06	2.028,71	1.971,14	1.985,91	1.999,50	2.011,91	2.021,43	2.023,03	2.033,66	2.003,66	2.041,50	2.075,20
Mulheres Brancas	1.410,58	1.430,08	1.428,39	1.420,23	1.406,36	1.401,01	1.414,84	1.416,12	1.418,97	1.438,80	1.430,84	1.447,52	1.462,11
Brancos	1.783,33	1.763,92	1.756,97	1.720,44	1.718,53	1.724,62	1.735,32	1.742,32	1.744,74	1.758,55	1.738,83	1.768,76	1.793,62
Homens Pretos & Pardos	995,48	1013	1002,35	1019,61	995,49	1002,91	1015,7	1024,98	1.045,20	1.032,21	1.035,97	1.032,48	1.055,27
Mulheres Pretas & Pardas	734,54	749,96	732,72	729,01	732,68	756,62	759,74	772,24	752	747,32	755,43	765,49	770,88
Pretos & Pardos	882,16	899,56	885,98	894,03	881,86	895,16	903,75	913,71	916,01	906,28	911,16	914,23	929,95
PEA Total	1.386,20	1.383,67	1.373,65	1.358,83	1.354,22	1.361,36	1.374,29	1.382,33	1.382,12	1.380,96	1.368,51	1.382,92	1.398,88

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

em fevereiro deste ano se faziam sentir sobre os homens brancos. Mas sobre as mulheres brancas e os homens e mulheres pretos & pardos já teria ocorrido uma recuperação. Tal movimento discrepante é reflexo das distintas maneiras de inserção dos diferentes contingentes de cor ou raça e sexo entre as formas de posição na ocupação e nos grupamentos de atividades econômicas, tal como já comentado acima.

4. Evolução da taxa de desemprego (tabela 3)

No mês de fevereiro de 2010, nas seis maiores RMs brasileiras, a taxa de desemprego alcançou 7,4%. Este indicador foi 0,2 ponto percentual superior ao observado em janeiro do mesmo ano, porém 1,1 ponto percentual inferior ao observado em fevereiro de 2009.

Em fevereiro de 2010, a taxa de desemprego da PEA branca foi de 6,4%, ao passo que a da PEA preta & parda foi de 8,5%. Comparativamente ao mesmo mês do ano anterior, houve uma redução em 1,2 ponto percentual na taxa do desemprego da PEA branca. Já na PEA preta & parda, no mesmo período, a redução na taxa de desemprego foi ligeiramente menor, em 1,1 ponto percentual. Comparativamente a janeiro de 2010, a taxa de desemprego entre os brancos cresceu 0,2 ponto percentual, e entre os pretos & pardos manteve-se no mesmo percentual.

A taxa de desemprego dos homens brancos, em dezembro de 2009, foi de 5,4%, ao passo que o mesmo indicador, na PEA preta & parda do sexo masculino foi de 6,6%. Comparativamente ao mês de janeiro de 2010, a taxa de desemprego dos homens brancos aumentou 0,4 ponto

percentual. No mesmo período, a taxa de desemprego dos homens pretos & pardos declinou 0,2 ponto percentual. No comparativo com fevereiro de 2009, a taxa de desemprego dos homens brancos e pretos & pardos declinou, em ambos os casos, 0,8 ponto percentual.

A taxa de desemprego das mulheres brancas, em fevereiro de 2010, foi de 7,5%. Já a das mulheres pretas & pardas manteve a costumeira propensão a se manter mais elevada em relação aos demais grupos, tendo sido de 10,8%. Assim, em termos proporcionais, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas apresentou-se o dobro em relação à dos homens brancos; 44,3% superior à das mulheres brancas; e 62,5% superior à dos homens pretos & pardos.

Entre as mulheres brancas, a taxa de desemprego de fevereiro de 2010, em comparação ao mesmo mês do ano anterior, declinou 1,8 ponto percentual. No comparativo com o mês de janeiro do mesmo ano, a taxa de desemprego das trabalhadoras daquele grupo se manteve no mesmo nível. Já entre as trabalhadoras pretas & pardas, a taxa de desemprego de fevereiro de 2010, em comparação ao mesmo mês do ano anterior, declinou 1,5 ponto percentual. No comparativo com o mês de janeiro de 2010, o percentual da PEA preta & parda do sexo feminino que estava desempregada se elevou em 0,3 ponto percentual.

5. Rendimento e desemprego nas Regiões Metropolitanas (tabelas 4 e 5)

No mês de fevereiro de 2010, comparando-se os indicadores das seis maiores RMs brasileiras, os maiores

Tabela 3. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, fev / 09 – fev / 10 (em % da PEA)

	2009											2010	
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
Homens Brancos	6,2	6,6	6,4	6,7	5,8	5,7	5,6	5,3	5,1	4,9	4,6	5,0	5,4
Mulheres Brancas	9,2	10,0	9,7	9,3	8,1	7,8	8,3	7,9	7,7	7,6	7,0	7,5	7,5
Brancos	7,6	8,2	7,9	7,9	6,9	6,7	6,9	6,5	6,3	6,2	5,7	6,2	6,4
Homens Pretos & Pardos	7,4	8,1	8,3	8,0	7,9	7,7	7,7	7,5	7,0	6,7	6,4	6,8	6,6
Mulheres Pretas & Pardas	12,3	12,6	12,6	12,6	12,0	11,9	11,9	11,2	11,4	11,2	10,2	10,5	10,8
Pretos & Pardos	9,6	10,1	10,2	10,1	9,7	9,6	9,6	9,2	9,0	8,8	8,1	8,5	8,5
PEA Total	8,5	9,0	8,9	8,8	8,1	8,0	8,1	7,7	7,5	7,4	6,8	7,2	7,4

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada
Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

rendimentos habituais médios da PEA se davam em São Paulo (R\$ 1.535,41); seguida do Rio de Janeiro (R\$ 1.444,41); Porto Alegre (R\$ 1.388,02); Belo Horizonte (R\$ 1.277,28); Salvador (R\$ 1.105,34) e Recife (R\$ 913,96). Tanto para a população trabalhadora do sexo masculino, como para a população trabalhadora do sexo feminino, as maiores remunerações habituais médias seguiam o mesmo ordenamento.

Por outro lado, quando se analisavam os indicadores, daquele mesmo mês, desagregados pelos grupos de cor ou raça verificava-se importantes alterações naquela ordem de classificação.

Analisando-se a PEA branca de ambos os sexos, observa-se que os maiores rendimentos habituais médios eram observados na RM de Salvador (R\$ 2.146,14); seguida pela RM do Rio de Janeiro (R\$ 1.928,09); RM de São Paulo (R\$ 1.850,62); Belo Horizonte (R\$ 1.701,96); Porto Alegre (R\$ 1.469,33) e Recife (R\$ 1.387,45).

Na PEA preta & parda, as maiores remunerações habituais médias eram encontradas na RM de Belo Horizonte (R\$ 982,47); seguida pela RM do Rio de Janeiro (R\$ 961,47); RM de São Paulo (R\$ 953,13); RM de Salvador (R\$ 923,78); RM de Porto Alegre (R\$ 861,38) e RM de Recife (R\$ 720,76).

Entre os homens brancos, as maiores remunerações habituais médias, por ordem decrescente, eram encontradas na RM de Salvador; São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte; Porto Alegre e Recife. Na PEA preta & parda do sexo masculino, as maiores remunerações habituais médias eram encontradas nas RMs de Belo Horizonte; Rio de Janeiro; São Paulo; Salvador; Porto Alegre e Recife.

No contingente feminino, no caso das brancas, as maiores remunerações habituais médias, por ordem decrescente, se davam: RM de Salvador; Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte; Recife e Porto Alegre. Na PEA preta & parda do sexo feminino, as maiores remunerações habituais eram encontradas nas RMs de Salvador; São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte; Porto Alegre e Recife.

Classificando as RMs de acordo com a intensidade da desigualdade de cor ou raça do rendimento médio habitualmente recebido, dentro do período de fevereiro de 2010, verificou-se que no caso da PEA de ambos os sexos as maiores diferenças eram encontradas na RM de Salvador (132,3%). Em seguida, por ordem decrescente em termos de intensidade de assimetria, eram encontradas as RMs do Rio de Janeiro (100,5%); RM de São Paulo (94,2%); RM de Recife (92,5%); RM de Belo Horizonte (73,2%) e de Porto Alegre (70,6%).

No contingente masculino, as maiores assimetrias entre brancos e pretos & pardos se davam na RM de Salvador (145%); seguida de São Paulo (102,6%); Recife (99,3%); Rio de Janeiro (94,1%); Belo Horizonte (76,1%) e Porto Alegre (71%).

Já na PEA do sexo feminino, as maiores diferenças de remuneração entre as trabalhadoras brancas e pretas & pardas ocorriam na RM de Salvador (122,6%); seguida do Rio de Janeiro (111,8%); Recife (93,1%); São Paulo (85,7%); Belo Horizonte (72,5%) e Porto Alegre (64,4%).

Sinteticamente, portanto, a mais desigual das RMs era Salvador. A RM de Recife combinava um quadro de me-

Tabela 4. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs), Brasil, fev / 10, (em R\$ - fev / 10, INPC)

Região Metropolitana	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total 6 RMs
Homens Brancos	1.582,15	2.529,98	2.024,02	2.141,95	2.176,94	1.694,75	2.075,20
Mulheres Brancas	1.186,82	1.776,89	1.335,72	1.665,37	1.472,13	1.184,22	1.462,11
Brancos Total	1.387,45	2.146,14	1.701,96	1.928,09	1.850,62	1.469,33	1.793,62
Homens Pretos&Pardos	793,88	1.032,64	1.149,56	1.103,39	1.074,37	990,93	1.055,27
Mulheres Pretas&Pardas	614,58	798,22	774,29	786,16	792,72	720,2	770,88
Pretos&Pardos Total	720,76	923,78	982,47	961,47	953,13	861,38	929,95
Homens	999,88	1.237,76	1.500,01	1.622,42	1.772,71	1.606,03	1.600,45
Mulheres	801,13	956,53	1.010,82	1.225,15	1.246,67	1.117,72	1.153,27
Total	913,96	1.105,34	1.277,28	1.444,41	1.535,41	1.388,02	1.398,88

Nota: população total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

nor rendimento em termos comparativos (e, decerto, de maior pobreza) com desigualdades razoavelmente pronunciadas (ao menos quando comparada às demais RMs). As assimetrias verificadas na RM do Rio de Janeiro eram especialmente puxadas pelas diferenças entre as mulheres brancas, de um lado, e pretas & pardas, de outro. Já na RM de São Paulo ocorria o contrário, com as assimetrias verificadas entre os homens brancos e pretos & pardos sendo maiores do que as observadas entre as mulheres. Porto Alegre e Belo Horizonte apareciam como as RMs menos desiguais em termos de cor ou raça e no interior dos dois grupos de sexo.

Na tabela 5, são vistos os indicadores da taxa de desemprego para as seis maiores RMs brasileiras no mês de fevereiro de 2010. Para a PEA no seu conjunto, as maiores taxas eram verificadas na RM de Salvador (11%). Em seguida, vinham as RMs de Recife (8,8%); São Paulo (8,1%); Belo Horizonte (6,5%); Rio de Janeiro (5,6%) e de Porto Alegre (5,1%).

Na PEA do sexo masculino, as maiores taxas de desemprego eram encontradas em Salvador; São Paulo; Recife; Belo Horizonte; Rio de Janeiro e Porto Alegre. No contingente feminino, as maiores taxas eram encontradas em Salvador; Recife; São Paulo; Belo Horizonte; Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Na PEA branca, as maiores taxas de desemprego eram encontradas na RM de Salvador (8,2%); São Paulo (7,6%); Recife (7,3%); Belo Horizonte (5,5%); Porto Alegre (4,8%) e Rio de Janeiro (4,7%). Na PEA preta & parda, o ordenamento era semelhante, com uma única mudança de posição. Deste modo, as maiores taxas de desemprego eram encontradas em Salvador (11,5%);

Recife (9,4%); São Paulo (9,1%); Belo Horizonte (7,2%); Porto Alegre (6,8%) e Rio de Janeiro (6,5%).

Na PEA branca do sexo masculino, as maiores taxas de desemprego se davam na RM de Salvador; São Paulo; Recife; Belo Horizonte; e Rio de Janeiro e Porto Alegre, em ambos os casos com o mesmo percentual (3,2%). Já na PEA preta & parda do sexo masculino, as maiores taxas de desemprego eram encontradas nas RMs de Salvador; Recife; São Paulo; Porto Alegre; Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Na PEA branca do sexo feminino, as maiores taxas de desemprego eram encontradas nas RMs de Recife e Salvador, em ambos os casos, 8,6%. Em seguida vinha a RM de São Paulo. Também empatadas, apareciam as RMs de Porto Alegre e Belo Horizonte (6,7%). Finalmente, aparecia a RM do Rio de Janeiro. Já no contingente trabalhador preto & pardo do sexo feminino, as maiores taxas de desemprego eram encontrados na RM de Salvador; Recife; São Paulo; Belo Horizonte; Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Dos indicadores descritos acima, portanto, em todas as seis RMs, a taxa de desemprego dos pretos & pardos era superior à dos brancos. Ou, quando lido pelo enfoque de gênero, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas, tal como no somatório das seis RMs, aparecia nitidamente superior às taxas dos demais grupos.

Assim, à guisa de exemplo, em fevereiro de 2010, na RM de Salvador a taxa de desemprego da PEA preta & parda feminina foi de 14,3%. Para operar nos extremos, comparando com a taxa de desemprego dos homens brancos das RMs de Porto Alegre e Rio de Janeiro (3,2%), na RM de Salvador o indicador das mulheres pretas & pardas era 4,5 vezes maior.

Tabela 5. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs), Brasil, fev / 10 (em % da PEA)

Região Metropolitana	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total 6 RMs
Homens Brancos	6,0	7,7	4,3	3,2	7,1	3,2	5,4
Mulheres Brancas	8,6	8,6	6,7	6,5	8,1	6,7	7,5
Branco Total	7,3	8,2	5,5	4,7	7,6	4,8	6,4
Homens Pretos&Pardos	7,4	9,0	5,4	4,8	7,3	5,8	6,6
Mulheres Pretas&Pardas	12,0	14,3	9,4	8,6	11,3	7,9	10,8
Pretos&Pardos Total	9,4	11,5	7,2	6,5	9,1	6,8	8,5
Homens	7,1	8,8	5,0	4,0	7,2	3,5	6,0
Mulheres	10,9	13,4	8,2	7,5	9,2	6,9	9,0
Total	8,8	11,0	6,5	5,6	8,1	5,1	7,4

Nota: população total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada
Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Profº Marcelo Paixão

Programação de indicadores estatísticos

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadora assistente

Irene Rossetto Giaccherino

Bolsista de Graduação

Bianca Ângelo Andrade

(PBICT – CNPq)

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Profº Marcelo Paixão

Coordenação Estatística

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadores Assistentes

Barbara Castilho (pesquisadora voluntária)

Cléber Julião

Fabiana Montovanele de Melo

Irene Rossetto Giaccherino

Sandra Regina Ribeiro

Coordenação dos Cursos de Extensão

Azoilda Loretto

Sandra Regina Ribeiro

Bolsistas de Graduação

Bianca Ângelo Andrade (PBICT – CNPq)

Elisa Alonso Monçores (PBICT – CNPq)

Elaine Carvalho – Curso de Extensão (UNIAFRO)

Revisão de texto e copy-desk

Alana Barroco Vellasco Austin

Editoração Eletrônica

Maraca Design

Apoio

Fundação Ford



FORD FOUNDATION